

# UM ESTUDO SOBRE A INTERAÇÃO VERBAL NO GÊNERO EPISTOLAR

## CARTA PESSOAL

Eunice Matias do Nascimento (UFRN)<sup>1</sup>  
[nicehmatias@hotmail.com](mailto:nicehmatias@hotmail.com)

Marise Adriana Mamede Galvão (UFRN)<sup>2</sup>  
[marisemamede@gmail.com](mailto:marisemamede@gmail.com)

**RESUMO:** A partilha de cartas por muito tempo foi e ainda é (apesar do surgimento de práticas mais velozes e atuais como – por exemplo - o e-mail) uma atividade comunicativa mantida entre as pessoas como meio de interação a distância. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo tecer considerações acerca da interação verbal com(partilhada) nas escrituras de cartas pessoais. Nesta direção, nossa investigação inicialmente subsidia-se nas bases teóricas dos estudos de Bakhtin (2000), Bazerman (2005), Marcuschi (2008) e Silva (2002) e Andrade (2010), no que se refere às noções de gênero discursivo/textual e gênero textual carta pessoal. Também segue os postulados de Marcuschi (1991), Silva (1997), Silva (2002) e Kerbrat – Orecchioni (2006), para discutir questões referentes aos aspectos interacionais observados nesse gênero. Ao adotarmos essa visão, observarmos as estratégias textuais e interativas usadas pelos participantes, como também identificamos os propósitos comunicativos e os papéis sociais exercidos por eles na escritura dessas cartas. Para tanto, a metodologia adotada é guiada pela abordagem qualitativa e indutiva de investigação, logo, temos uma postura interpretativa de análise dos dados, seguindo a perspectiva dos estudos interacionais. Para a consecução do objetivo do presente trabalho, analisamos um *corpus* constituído por duas cartas pessoais identificadas como textos escritos por amigos residentes em cidades diferentes. Esses textos revelam que a carta é um gênero textual que possibilita em sua escritura o com(partilha)mento de sentimentos, pensamentos e crenças comuns aos que dela se utilizam. Nesse sentido, a carta constitui-se em um verdadeiro intercâmbio comunicativo, revelando o envolvimento das pessoas em uma interação específica realizada por participantes distantes no tempo e espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero textual; Carta pessoal; Interação verbal.

---

<sup>1</sup>Aluna da graduação de Letras e bolsista de iniciação científica PROPESQ.

<sup>2</sup>Orientadora – Professora do Departamento de Letras Ceres/UFRN.

## 1. Introdução

Nesta investigação, na qual discutimos sobre a carta pessoal, traçamos como objetivo primeiro analisar e interpretar como se efetiva a interação entre indivíduos por meio do intercâmbio desse gênero. Nessa direção, observamos que as marcas linguísticas e textuais instauram não somente aspectos intrínsecos da escritura em questão, mais também o delineamento de todo o envolvimento estabelecido considerando sua partilha.

Portanto utilizamos um *corpus* composto por duas cartas pessoais integrantes de um conjunto de textos que constitui os dados de uma pesquisa de iniciação científica, desenvolvida na UFRN, no departamento de Letras do CERES.

Sendo assim, esta investigação se organiza nas seguintes seções: no primeiro momento discutimos sobre as noções teóricas referentes a gênero textual/ discursivo; em seguida, abordamos uma compreensão acerca do gênero carta pessoal; ademais, tecemos considerações com relação a interação verbal; na sequência, fazemos a análise de duas cartas pessoais com base nos pressupostos definidos; por último, apresentamos as considerações finais.

## 2. Gênero textual

### 2.1.Noções teóricas

Atualmente muitos estudiosos se propõem a discutir acerca de gênero, logo, as perspectivas de abordagem que direcionam essas discussões são de naturezas diversas, mas, a “luz” que embasa o princípio da maioria desses estudos parte de um ponto comum, ou seja, dos postulados de Bakhtin (2000, p. 261) que menciona: “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Na visão desse autor, empregar a língua é antes de tudo entender que ela se realiza a partir de uma modalidade, considerando as especificidades de uma esfera comunicativa da atividade humana. Em cada esfera utilizamos de estilos de linguagem, recursos lexicais e outros elementos apropriados à situação como um todo situado. Assim sendo, entendemos com esse teórico que compreender o uso da língua é também perceber que essa ocorre de diversas formas cotidianamente, ou melhor, ocorre por meio de gêneros.

Com relação a essa questão Silva (2002, p.29) salienta que, “a noção de gênero reporta-se diretamente ao funcionamento de textos em eventos comunicativos reais e concretos construídos em espaços sociais em que as pessoas agem, interagem e assumem

papéis comunicativos e posições sociais específicas”. Assim sendo, a autora se reporta às maneiras pelas quais nós podemos instaurar e materializar nosso dizer nas mais diversas práticas de comunicação, ou seja, é através dos gêneros que nos comunicamos diariamente, assim, ele está presente desde a reunião do condomínio, até o envio/recepção de uma carta pessoal, por exemplo, como lembra Marcuschi (2008).

Nesse âmbito, a princípio os gêneros são listagens abertas de concretização da língua as quais configuram padrões sociocomunicativos definidos e caracterizados, a partir de composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos sócio-histórico-culturais da língua, como postulou Marcuschi (2008) ao discutir sobre gêneros textuais no ensino de língua. Porém, ao longo do tempo e de sua utilização social esses podem ganhar novas funções comunicativas e até mesmo formas, pois, é consenso entre os estudiosos de gêneros que eles não são uma estrutura rígida e acabada em si mesma, mais sim um artefato da língua que tem como propósito primário atender as nossas necessidades de realização linguística.

Ademais, esse autor ressalta que “todos os gêneros têm uma forma e função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (MARCUSCHI, 2008, 150), já que esta última pode sofrer atualizações para atender nossas necessidades comunicativas (como colocamos anteriormente). Por isso, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p.154).

Por exemplo, por que todos os que escrevem uma monografia de final de curso fazem mais ou menos a mesma coisa? E assim também ao pronunciarmos uma conferência, darmos uma aula expositiva, escrevermos uma tese de doutorado, fazemos um resumo, uma resenha, produzimos textos similares na estrutura, e eles circulam em ambientes recorrentes e próprios. Isso ocorre também numa empresa com os memorandos, os pedidos de venda, as promissórias, os contratos e assim por diante. (MARCUSCHI, 2008, p. 150)

Ao pontuar essa questão para responder uma indagação de Bhatia (1997, p. 629) acerca dos gêneros, Marcuschi mostra com esses exemplos que os gêneros são estruturas formuladas – socialmente - para realizar e regular a corporificação da linguagem em seus diversos campos de atuação. Assim sendo, eles são considerados também uma forma de interação, afinal, como frisa Silva (2002, p.28) “os gêneros textuais são construídos no seio de interações verbais e são formas fundamentais no processo de socialização dos indivíduos”.

Conforme frisam os teóricos, nos comunicamos para interagir com outrem e não somente para proferir palavras, frases, textos e reproduzir gêneros.

Sendo assim, esta ótica de pensamento nos conduz a entender os gêneros textuais como instituições de concretização da língua, construída socialmente com o objetivo de realizar nossas práticas comunicativas de acordo com o espaço e tempo que estejamos inseridos, bem como a partir de nosso interesse de interação com outrem. Nesse sentido, os gêneros tornam-se “elementos e ferramentas” imprescindíveis as nossas práticas comunicativas. Posto isto, nos detemos agora em uma reflexão sobre o nosso objeto de estudo – a carta pessoal.

## 2.2. Carta pessoal

Conforme pontua Silva (2002, p. 52), “na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas a distância” entre as pessoas. Nessa direção Andrade (2010, p.193) registra que, este gênero se faz presente em nossa sociedade desde a antiguidade com a finalidade de “materializar o desejo ou a necessidade de interagir à distância”.

Como lembram Bazerman (2005), Andrade (2010) e tantos outros estudiosos – da carta – essa surgiu inicialmente com propósitos de atender às necessidades de interação do estado, ou seja, a carta era utilizada para intercambiar notícias, regimentos, ordens e questões burocráticas do governo. No entanto, o passar dos tempos permitiu que o presente gênero alcançasse outras esferas, passando a circular então, entre amigos e parentes o que a caracterizou como uma atividade íntima a qual preza pelo tratamento das relações cotidianas, o que lhe conferiu a denominação de carta pessoal.

Ainda em suas observações, Andrade (2010) frisa que, apesar de ter perpassado por algumas esferas comunicativas (com propósitos diferentes) do ponto de vista composicional e temático, a carta mantém algumas características. Isto é, mesmo não tratando mais de assuntos governamentais a carta mantém seu formato primeiro que de acordo com Silva (1997, p. 121) caracteriza-se por: “– cabeçalho, data, assinatura – e algumas expressões formulaicas frequentes [sic] em suas seções iniciais e finais, o corpo da carta permite qualquer tipo de comunicação”, como também assegura a dinamicidade dos temas a serem partilhados como: agradecimento, convite, congratulações, etc.

Sendo assim, no olhar de Andrade (2010, p.195) a carta pessoal “favorece de alguma maneira a emergência do traço constituído pela franqueza nas manifestações que se escrevem

com liberdade e que se apoiam na confiança depositada no destinatário”, ou seja, para esta autora a carta pessoal se sobressai das demais utilizações do gênero carta por conter um tom marcado pelo tratamento pessoal que utilizamos nas mais diversas interações, entendendo-a então, como uma conversa na presença da ausência com quem partilhamos ideias, sentimentos, relações e histórias de vida como ressalta a autora. Dessa maneira,

A carta não deve ser vista apenas como uma forma textual que permite a troca de informações. Além de conteúdo, isto é, além do que efetivamente se diz, a carta –segundo Violi – sempre diz algo mais: fala por si mesma, revela o ato de ter sido escrita, é testemunha de sua própria existência. (ANDRADE, 2010, p. 197)

Nesse sentido, entendemos de acordo com a pesquisadora que ao abrir uma carta pessoal estamos também iniciando um diálogo com outrem através de um quadro participativo, onde seus interactantes assumem papel de enunciador e enunciatário alternadamente. Com efeito, faz-se pertinente enfatizar como colocou Silva (2002) em suas reflexões sobre o presente gênero, que o quadro participativo funciona como um regulador das nossas interações diárias, o qual dispõe informações tanto do funcionamento das nossas práticas comunicativas, como também nos mostram como nós organizamos nossas interações sociais, culturais e políticas através de um gênero e de nossos conhecimentos comuns. Como exemplo, Andrade (2010, p. 195-196) sugere,

Como abertura de uma sequência conversacional, a carta determina – pelo simples fato de ter sido enviada – uma obrigação de resposta por parte do destinatário, e se isso não ocorresse seria como o silêncio que se instaura numa interação face a face, permitindo inferências pragmáticas análogas. Toda carta pode ser constituída por atos ilocutórios específicos (perguntas, promessas, pedidos, ordens, escusas, etc.) e gerar estratégias comunicativas de maneira semelhante ao que ocorre na conversação cotidiana. Com efeito, a carta é uma forma de diálogo, entretanto, é sempre um diálogo que tem lugar na ausência de um dos participantes.

Assim sendo, entendemos que o quadro estabelecido quando interagimos é de suma importância, pois além de regular a dinamicidade do nosso interagir, ele diz muito sobre nossas intenções conversacionais, a qual é desvelada através de cada enunciado instaurado por um gênero. Logo, entendemos assim, que a carta, e mais especificamente a carta pessoal, constitui-se em uma verdadeira instituição de intercâmbio das relações cotidianas que apesar da emergência de outros meios mais velozes - como: e-mail, telefone etc – continua a

proporcionar as relações (simétricas e assimétricas) entre as pessoas em espaço e tempo distantes. Nessa direção, voltamos a discorrer acerca da interação verbal em cartas pessoais.

### 2.3.A interação verbal em cartas pessoais

No que concerne à interação Silva (2002) assegura, que os primeiros a introduzir conceitos aos estudos desse processo foram os trabalhos de Hymes (1972), Goffman (1974a) e Gumperz e Hymes (1974). No entanto, tais premissas ligavam-se apenas ao discurso face a face, e somente ao longo dos anos é que as reflexões desses autores ganharam uma compreensão mais ampla, na qual de acordo com Silva (2002, p. 23) pode ser assim traduzida

Toda e qualquer atividade discursiva, atualizada a distância ou *in praesentia* se constitui num quadro interacional, regido por regras e normas pragmáticas, adequadas a situação comunicativa. Aí se reflete, em larga medida, o que foi construído social, histórica e culturalmente, em termos de padrões interacionais, pelas pessoas de uma dada sociedade.

Nesse sentido, interação apresenta-se como um processo de troca entre interlocutores, onde um sujeito age sobre si, com o outro e com o meio, a partir de um propósito comunicativo, logo, interagir é mais que trocar palavras, como refletiu Kerbrat-Orechioni (2006, p. 8), pois, requer que os seus participantes estejam, “ambos, ‘engajados’ na troca e que dêem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos processos de validação interlocutória”.

Apesar de ter referido a tais processos de validação interlocutória, somente a comunicação face a face, Kerbrat-Orechioni direcionou seus estudos no âmbito do discurso oral. Nesse sentido, no caso específico da carta pessoal, consideramos que os processos de validação interlocutória equivaleriam a: abertura do evento comunicativo como resposta; solução de questionamentos e levantamento de novos; formas de tratamento; encerramento, entre outros.

Ainda no que diz respeito à interação, Silva (2002) menciona que esta ocorre de forma coordenada, sendo por meio do envolvimento que os interactantes partilham os mais diversos saberes – enciclopédicos, os assuntos em questão entre outros – a fim de construir significados em uma situação específica de escrita. Nesta direção, entendemos com Silva (2002) que a significação no processo de interação pode ser de naturezas diversas, já que cada texto tem um propósito comunicativo, ou vários. Em cartas pessoais, por exemplo, podemos

observar significados concretizados a partir de alguns objetivos: agradecer, informar, declarar, sugerir, ou tantos outros.

Com efeito, a autora lança seu olhar para a relação da exterioridade histórico-social como parte da relação interacional, ou seja, para essa estudiosa, nós somos à medida que interagimos com o outro, assim, interação é antes de tudo um processo inerente ao homem, pois, a todo o momento buscamos se relacionar interagindo com o outro.

No seio dessa discussão, as autoras citadas até aqui, ainda chamam atenção para o fato de que a coordenação mantida em uma interação implica também a formação de um quadro participativo, que regula e define: os papéis dos participantes no decorrer de uma interação qualquer, isto é, ora emissor/receptor e ora receptor/emissor; o quadro espacial/ temporal onde ocorre a interação, no caso da carta o lugar e o tempo de produção/recepção; o objetivo da conversação/interação (informação, convite etc.) e as relações mútuas (grau de conhecimento, natureza do laço social, afetivo).

É certo que esse quadro participativo proposto principalmente por Kerbrat-Orechioni (2006) não é uma verdade primeira, pois como frisou Silva (2002) em seu estudo sobre o tema, existem muitas vertentes e aspirações teóricas que engendram tal composição de conversação. Mas, para esta pesquisa tal “injunção” contempla e embasa nosso propósito maior de estudo, ou seja, interação verbal em carta pessoal. Assim, recorrer a essa delimitação é também assumir que as relações/interações mantidas entre as pessoas (em uma situação comunicativa) ocorrem em um plano de ordem marcado. Nesse aspecto, a autora menciona

Cada interação corresponde um esquema de participação, pode-se supor que, dada a diversidade dos gêneros epistolares existentes em nossa sociedade, produzidos por diferentes esferas da atividade humana, com propósitos comunicativos específicos, tem-se, certamente, uma gama de arranjos de participação, cada um deles modelado por rotinas comunicativas particulares, aos quais, por sua vez, coletivamente foram atualizadas no curso das práticas comunicativas de nossa sociedade. (SILVA, 2002, p. 89-90)

Sendo assim, entendemos que o quadro em questão define-se basicamente como um contrato que delimita as fronteiras entre seus participantes em uma interação específica. Posto isso, consideramos que a carta pessoal “é uma produção de linguagem, socialmente situada, que engendra uma forma de interação particular” (SILVA, 2002, p. 80). Entendemos, assim que produzir cartas é antes de tudo “materializar o desejo ou a necessidade de interagir à distância” (ANDRADE, 2010, p. 193) com o outrem. Dessa maneira, faz se inteiramente conveniente caracterizar a carta pessoal como (antes de tudo) um lugar de interação, onde as

pessoas buscam mais do que trocar palavras com as outras – como bem disse Kerbrat-Orechioni (2006).

Prosseguindo com essa reflexão, passamos a uma análise das cartas pessoais selecionadas, ressaltando as características do gênero em questão, observando como as pessoas interagem usando esses textos específicos. Toda via, não disponibilizaremos o texto transcrito completo, mas destacaremos em nossa análise exemplos dos aspectos principais observados ao longo de nossa discussão.

#### 2.4 Análise das cartas

As cartas pessoais escolhidas para análise têm como interactantes amigos residentes em cidades distantes os quais, por meio do envio/recepção de cartas mantêm uma relação de amizade e envolvimento. Nessa direção, podemos constatar que as cartas – que nessa análise são intituladas carta 01 e carta 02 – têm em sua materialização a identificação do local e data e a assinatura, como elementos intrínsecos de realização do presente gênero.

##### Exemplo 1

<b>Carta 01</b>
<i>Campinas, 02- 10- 00</i>
<i>De sua “ETERNA AMIGA”...</i>
<i>ML (assinatura)</i>

<b>Carta 02</b>
<i>Campinas, 23- 03- 03</i>
<i>Com muito carinho. Um grande abraço cheio de saudade. De sua amiga esquecida. lembra??</i>
<i>ML (assinatura)</i>

Identificamos, também, que ao iniciar sua interação (abertura), a autora das cartas dirige-se ao interlocutor usando as expressões “Que saudades amigo” (carta 1) e “Querido



amigo que saudades” (carta 2), que são identificadas como marcas que expressam intimidade com o interlocutor e partilha do sentimento saudade.

Nessa carta, observamos que o intercâmbio interacional é insaturado (aberto) por meio de uma seleção lexical que ressaltam o “querido amigo” e o sentimento de “saudades”. Aliado a isso, observamos a forma carinhosa posta textualmente e que evidencia o significado de interagir por meio das cartas. No exemplo 2, o espaço interacional é construído por enunciados que comumente são observados nas aberturas de escrituras de cartas pessoais: “respondo sua carta” e “que esta possa te encontrar”.

### Exemplo 2

#### Carta 01

*Querido ...Amigo ...Saudades!!!*

*E carinhosamente respondo sua carta que como sempre me traz muita alegria ao recebê-la.*

#### Carta 02

*Que...Saudades...Amigo...*

*Olá E espero mais uma vez que esta possa te encontrar muito bem junto aos seus familiares.*

Ao longo do texto, verificamos que outro elemento constitutivo do gênero carta pessoal se faz presente: em ambas as cartas os propósitos comunicativos são visíveis. Estes propósitos revelados na materialidade linguística, dizem respeito a informações do bem estar da interactante e a felicitações de votos natalinos, conforme segue no exemplo 3:

### Exemplo 3

#### Carta 01

*Amigo me encontro super bem junto com a minha família graças a Deus!*

*Desejo o mesmo a você!*

*E quero que saiba que não está acontecendo nada comigo. Não estou com nenhum problema*

Carta 02

*E o motivo de mais uma vez estar te escrevendo e que não poderia jamais deixar de lhe desejar feliz natal.*

As escrituras apresentam ainda uma seleção lexical que marca o reconhecimento dos papéis dos participantes nessa interação - de enunciador e/ou de destinatário -, como observamos no exemplo seguinte:

Exemplo 4

Carta 01

*E carinhosamente respondo sua carta.*

Carta 02

*Olá E espero que mais uma vez esta possa te encontrar muito bem junto aos seus familiares.*

No que se refere à interação, verificamos que nas cartas em análise (exemplo 5) a interactante se utiliza de elementos da modalidade oral da língua, especificamente as letras grafadas em maiúsculo (MENINO), separação silábica (ma-ra-vi-lho-sas), e onomatopeias (rá, rá, rá) para evocar e/ou elucidar ações, sentimento e emoções, como no exemplo 5, nas cartas 1 e 2.

Exemplo 5

Carta 01

*Será que vou ter que fazer você lembrar disso MENINO? rá, rá, rá. (brincadeirinha).*

Carta 02

*Mais... ainda temos 365 dias do novo ano que se inicia e que a cada dia deste novo ano seja recheado das maiores alegrias; que seja repleto de grandes surpresas ma-ra-vi-lho-sas, que tudo em sua vida possa ser de muitos sucessos. Seja na vida familiar,*

*profissional, e “pessoal, rá, rá, rá. OK?”*

Além desses aspectos ressaltados, na carta 01 (exemplo 6), verificamos ocorrência do fenômeno que Kerbrat-Orecchioni (2006) nomeia como “captador” de atenção, cuja função é trazer o interactante para o momento da interação. Nesse caso específico trata-se da expressão “olhe”.

#### Exemplo 6

Carta 01

*Olhe você é um grande amigo para mim.*

A seção *post scriptum* nem sempre ocorre em cartas, porém, na carta 01, identificamos que a interactante, após a assinatura abre um novo espaço para a interação, como revela o exemplo 7.

#### Exemplo 7

Carta 01

*Resposta breve!!!Vaptvupt!!!rá, rá, rá!!!*

*Eu e você ... Amigos sempre... Amigos ok? My!!!*

Por fim, observamos na escritura das cartas (01 e 02) a seção fática de fechamento, indicando o momento de encerramento da interação, conforme fica explicitado no exemplo 8.

#### Exemplo 8

Carta 01

*Vou finalizar por aqui com bastante saudades (...) De sua “ETERNA AMIGA”... **ML***

Carta 02

*Com muito carinho um grande abraço cheio de saudade. De sua amiga esquecida.  
Lembra???***ML**

Como podemos constatar, as cartas pessoais analisadas são compreendidas enquanto possibilidade de interação, cujo objetivo maior é a instauração e manutenção da relação de dois amigos distantes no tempo e espaço.

### 3. Considerações finais

A reflexão que realizamos possibilita tecer alguns comentários conclusivos. Os textos partilhados pelos interactantes não se caracterizam apenas como cartas pessoais em razão de comportarem elementos inerentes ao gênero como: abertura, desenvolvimento, encerramento e *post scriptum*. Eles revelam, também, evidências da partilha de sentimentos, emoções e atitudes que fazem parte da necessidade comunicativa entre pessoas distantes.

Nessa direção, constatamos que, nessa interação, os participantes, por meio da escritura, elucidam sentimentos e emoções para com o outro, trazendo-o, assim, para o momento da enunciação. Logo, interagir por meio de cartas é possibilitar na modalidade escrita, a criação de um momento, um espaço para partilhar interesses comuns, para dizer do seu interesse por aquela pessoa, ou para simplesmente para “conversar”.

Sendo assim, compreendemos então, que a carta é um gênero textual que possibilita a criação de um quadro participativo em que se delineiam os papéis sociais dos participantes, como também se engendram e se regulam o desenvolvimento de relações (simétricas e assimetrias) estabelecidas na escritura. Dessa maneira, partilhar cartas é com(partilhar) sonhos, histórias, convites, vida, entre outros.

### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. L. da C. V. A intimidade da ausência: estudo de marca de oralidade em cartas pessoais do século XIX. In. PRETI, D. (org). Oralidade em textos escritos. Projetos Paralelos – NURC/SP. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 189-216.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. In. DIONÍSIO, A. HOFFNAGEL, J. C. (orgs.), São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Análise da conversação. São Paulo: Ática, 1991.
- KERBRAT-ORECCHIONI, K. Análise da conversação: princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.
- SILVA, V. L. P. da. Variações tipológicas no gênero textual carta. In. KOCH, I. V; BARROS, K. S. M. de. Tópicos em linguística de texto e análise da conversação. Natal: EDUFERN, 1997, p. 118-124.
- SILVA, J. Q. G. Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: UFMG, 2002.